

AntropoSines: Petrocultura, violência lenta e pensamento ecológico em Al Berto

 <https://doi.org/10.21814/anthropocena.4007>

Fernando Beleza

Universidade de Newcastle

Reino Unido

fernando.beleza@ncl.ac.uk

Resumo

A abordagem crítica da obra de Al Berto tem posto em evidência a sua contribuição para a emergência de uma poesia urbana com uma consciência queer na literatura contemporânea portuguesa. Em diálogo com ambas as tradições críticas, este artigo explora as dimensões ambientalistas e ecológicas da produção de Al Berto. Centrando-se no que definirei como as ficções *petroqueer* de Al Berto e a relação do poeta com a violência ambiental e as transformações sociais trazidas pela construção do complexo industrial de Sines, este artigo propõe uma aproximação da poesia de Al Berto à noção de ecologia negra de Timothy Morton e ao seu modelo de pensamento ecológico. Quando lida no contexto do antropoceno enquanto conceito liminar, a poesia de Al Berto sugere uma lógica de coexistência entre o humano e o não-humano que define o seu lugar pioneiro na literatura verde (e negra) portuguesa.

Palavras-chave

Al Berto; petrocultura; violência lenta; melancolia ambiental; pensamento ecológico

Abstract

Critics of Al Berto's work have highlighted his contribution to the emergence of an urban poetry with a queer consciousness in contemporary Portuguese literature. In dialogue and departing from this critical traditions, this article explores the environmental and ecological dimensions of Al Berto's production. Focusing on what I will define as Al Berto's *petroqueer* fictions and the poet's writings on the environmental violence and social transformations brought about by the construction of the Sines industrial complex, this article proposes an approximation between Al Berto's poetry and Timothy Morton's notion of dark ecology. When read in the context of the Anthropocene as a threshold concept, Al Berto's poetry suggests a logic of coexistence between the human and the non-human that defines its pioneering place in Portuguese environmentalist literature.

Keywords

Al Berto; petroculture; slow violence; environmental melancholy; ecological thinking

Vivemos com essas chaminés a envenenarem-nos, vivemos com essas futuras explosões, esses sobressaltos nocturnos no coração. (...) Como um grito a noite acende o lado sonolento do coração. Ouço os lamentos desta vila que sofre. Ouço, ouço-me um pouco nos gritos de todos os homens. E não consigo dormir, não quero ter sono, nunca mais, todo o tempo acordado é pouco para agir, para tentar transformar esse espaço que me rodeia. Dia após dia votado

ao abandono e à morte. A vida aqui, a continuarmos assim, vai ser uma 'alface azul'; e talvez consigamos, com o tempo, alimentarmo-nos de alfaces azuis e peixes de olhos gaseados.

Al Berto, *Diários* (42) [1982].

Ecology is stuck between melancholy and mourning.

Timothy Morton, *The Ecological Thought*.

Al Berto (Alberto Raposo Pidwell Tavares, 1948-1997) viveu, desde o seu regresso a Portugal em 1975, “entre Lisboa e Sines, onde procur[ou] em vão as referências físicas da sua infância, ‘destruídas por um progresso negro feito não a pensar nas pessoas, mas na mais-valia” (Al Berto, 2005, p. 673). A expressão “progresso negro” é usada pelo poeta para caracterizar o processo de transformação da vila e da região iniciado na década de 1970 com a construção do complexo de Sines, que o poeta acabaria por testemunhar depois do seu regresso de Bruxelas.¹ O projecto do complexo de Sines ocupou um papel central nos planos de modernização e industrialização do país nos últimos anos do Estado Novo e nas primeiras décadas da democracia, procurando colocar Portugal nas rotas do petróleo e do carvão (Pacheco, 1999, p. 8). Incluiu a construção de um porto industrial de águas profundas, uma área dedicada à indústria pesada – que incluiu uma refinaria de petróleo, um complexo petroquímico e uma central eléctrica a carvão, desativada em 2020 – e um centro urbano que viria a chamar-se Vila Nova de Santo André. O complexo portuário e industrial foi inaugurado em 1978. Como a referência ao progresso negro na nota biográfica permite antecipar, as consequências ambientais e sociais do projecto terão um papel relevante na produção poética de Al Berto, bem como na sua relação com o território e a paisagem. Estes aspectos, no entanto, têm estado até hoje por explorar criticamente.

A passagem do diário de Al Berto que serve de epigrafe a este artigo é uma de várias descrições das consequências da violência lenta a que o humano e o não-humano foram expostos na região de Sines ao longo de décadas. Ao contrário de outras formas de violência, geralmente «conceived as an event or action that is immediate in time, explosive and spectacular in space,» o género de violência descrito pela expressão violência lenta, proposta por Rob Nixon, é «neither spectacular nor instantaneous.» A violência lenta é, como aquela exposta na passagem de Al Berto, «rather incremental and accretive» e muitas

¹ Quando Marcello Caetano decretou a construção do complexo portuário e industrial de Sines, Al Berto vivia em Bruxelas, onde começou por estudar Belas Artes, antes de abandonar a pintura para se dedicar à escrita. Regressou depois da Revolução dos Cravos, em 1975, à vila de Sines, onde abriu uma livraria/editora e trabalhou como animador cultural. A partir do seu regresso, Al Berto assistiu a uma parte substancial da construção do complexo industrial e portuário de Sines.

vezes marcada por uma dimensão contínua (Nixon, 2011, p. 2). Nos dias e meses que antecederam a escrita desta passagem de Al Berto, as fábricas do complexo petroquímico continuavam a laborar sem que existisse uma estação de tratamento de águas. Derrames dos efluentes da refinaria nas linhas de água iam tornando-se cada vez mais frequentes, contaminando pequenas explorações agrícolas, que, nas palavras de Al Berto, em breve produziriam "alfaces azuis." As descargas da refinaria, feitas a uma milha da costa, através de um tubo submarino, e a lavagem dos tanques dos petroleiros ao largo da costa traziam crude até às praias de Sines e S. Torpes, contaminando toda a costa e tornando o peixe impróprio para consumo humano e, conseqüentemente, a pesca em Sines progressivamente menos rentável. Era impossível vender o peixe pescado em Sines, devido ao cheiro e sabor (Pacheco, 1999).

A aceleração do ritmo do impacto da violência lenta e as suas conseqüências dramáticas levaram àquela que ficou conhecida como a primeira "greve verde" em Portugal. No dia 28 de maio de 1982, a vila de Sines parou completamente para protestar contra a degradação ambiental e as conseqüências para a saúde pública, agricultura e pescas da região. Foi nas horas que antecederam o início da greve verde, no dia 28 de maio de 1982, às 3:30 da madrugada, na sua casa na rua do Forte, em Sines, que Al Berto escreveu a entrada do seu diário que serve de epígrafe. A vontade de reagir manifestada por Al Berto e partilhada com a população não encontra, contudo, uma resposta satisfatória por parte do governo central. A população decidiu então partir para um bloqueio do porto por parte da frota de pescadores, que no dia 6 de junho bloquearam a entrada do porto. Desta vez, as medidas mais radicais tiveram sucesso. Nesse mesmo dia receberam a promessa de que a ETAR iria entrar em funcionamento dentro de dias. O resultado da greve verde foi visto como positivo pela população em geral: a estação de tratamento de águas, exigida pela população, começou de facto a funcionar na data prometida (15 de junho de 1982).² O poeta talvez tenha estado presente nos protestos, embora nada o possa confirmar; o seu diário apenas nos diz que estava em Sines.

A vitória celebrada pela população e pela Câmara Municipal de Sines não mereceu qualquer referência na obra ou no diário de Al Berto. Durante a greve verde, Al Berto escreve apenas uma entrada no seu diário, no dia 4 de junho de 1982. Trata-se de uma entrada curta e pouco clara, mas provavelmente ligada à sua tristeza em relação às transformações que ia observando da sua janela e que tornavam a paisagem irreconhecível: «Não estou aqui. De qualquer maneira nunca estive aqui NUNCA!» (Al Berto, 2012, p. 43). Esta passagem pode ser lida como uma expressão da sua estranheza absoluta em relação ao local da sua infância—tornado agora irreconhecível—, um tema que irá surgir noutros textos,

² Para uma descrição mais detalhada das conseqüências ambientais e da greve verde, ver: *Crónica da primeira greve ecológica em Portugal*, de Francisco do Ó Pacheco.

como se verá mais à frente. Mas mais significativo do que os possíveis sentidos desta entrada curta é o facto de que Al Berto não deixou nenhuma passagem no seu diário a celebrar a vitória da população, depois do bloqueio do porto, levantando a possibilidade de uma posição mais radical de Al Berto em relação às implicações da construção e do funcionamento do complexo de Sines. Para os pescadores da vila, o que estava principalmente em causa nesta luta era a pesca e conseqüentemente a sua sobrevivência económica. A ETAR (Estação de tratamento de águas residuais) veio pôr um fim ao problema e como o Presidente da Câmara afirma no seu relato, a população não estava contra a presença da indústria e do próprio complexo, apenas das conseqüências visíveis para as suas vidas (Pacheco, 1999, p. 97). Para Al Berto, porém, a paisagem e o lugar da sua infância estavam perdidos. As suas preocupações ambientais eram mais profundas, revelando uma política ambientalista que vai para além das preocupações sociais reveladas na greve verde e aproximando-o do movimento ecologista que já começara a emergir na Europa.

As referências às formas de violência lenta que o processo de industrialização tardia do país trouxe para Sines continuam nos diários de Al Berto. Alguns meses depois da escrita da passagem que serve de epígrafe, numa outra entrada distópica sobre o futuro de Sines no seu diário, do dia 24 de janeiro de 1983, Al Berto espera o pior para a vila, o ambiente da região e para si:

Anoiteceu. A vila está cercada por pipelines, luzes indecifráveis, chaminés gigantescas, máquinas que corroem a terra (...). É sobretudo durante a noite, fechado na minha exígua casa da rua do Forte, que maior consciência adquire de tudo isto. Dentro de pouco tempo será insuportável viver aqui. O vento e as águas chegarão contaminados. A praia será um areal negro, um pesadelo sem nome, onde morrem as palmeiras, que ali plantaram. Os barcos serão os nossos fantasmas vagueando sobre as águas sujas de óleo, e uma gaivota perder-se-á no veneno da alba. Em mim nunca mais fará claro, nunca mais amanhecerá. Nem será preciso acender qualquer luz de vigia... eu morro com as paisagens. (*Diários* 79)

Pelas suas características, a violência lenta coloca obstáculos e desafios à sua representação: devido às escalas temporais envolvidas (que ultrapassam as temporalidades humanas), ao lento desenrolar das suas conseqüências e por vezes devido mesmo à sua invisibilidade (Nixon, 2011, p. 2). Nestas passagens do seu diário, bem como numa passagem relativamente semelhante publicada em *O medo* (2), Al Berto responde a este modo específico de violência (e ao ritmo particular da violência sofrida pela região de Sines) através da representação do presente e do futuro do lugar da sua infância como um espaço agora «cercad[o] de pipelines» – sugerindo a impossibilidade da fuga –, cada vez mais inóspito,

contaminado, envenenado, tanto para os seus habitantes humanos como não-humanos – como, aliás, muitos outros espaços da poesia de Al Berto.³

As repercussões da violência lenta descrita por Al Berto ("alfaces azuis," "peixes de olhos gaseados," "águas sujas de óleo," a morte da paisagem e do humano) acontecem "across a range of temporal scales" (Nixon, 2011, p. 2). Esta dimensão da degradação ambiental como indo muito para além de uma temporalidade humana – passível de ser conceptualizada – é exposta pelo poeta, nestas passagens, através da referência simultânea ao presente, em que há já pouco tempo para agir, e a um futuro envenenado sem limitação temporal: «pelas águas do amanhecer envenenado» (Al Berto, 2005, p. 363); «nunca mais amanhecerá» (Al Berto, 2012, p. 79); «[o]s barcos serão os nossos fantasmas vagueando sobre as águas sujas de óleo» (Al Berto, 2012, p. 79). Se, para os pescadores e para várias entidades políticas da região os resultados da greve verde foram satisfatórios, as consequências da violência lenta continuaram a ser sentidas por Al Berto nos meses e anos que se seguiram: tanto pela contaminação da vida como pela transformação radical da paisagem. E mais do que isso: as consequências da violência lenta representada por Al Berto ultrapassam em muito a própria vida e o tempo do poeta, trazendo para a sua obra temporalidades-outras e a preocupação com os efeitos da actividade humana numa escala muito mais vasta, uma escala planetária.⁴

Este artigo começará por situar as preocupações ambientais reveladas por Al Berto, enquanto escritor-activista,⁵ nestas passagens e em outras representações da violência lenta que transformou a região de Sines, em termos ambientais e sociais, no contexto alargado da sua obra. Partindo dessa dimensão ambientalista de vários textos de Al Berto, argumentarei, num segundo momento, que a sua poesia revela mesmo dimensões ecológicas e um pensamento ecológico que até aqui têm estado por abordar. A crítica à produção literária de Al Berto tem se centrado, frequentemente, em questões ligadas à

³ A passagem semelhante em *O medo (2)* é a seguinte: «a vila, ao longe, cercada de pipelines. [...] anoiteceu bruscamente. luzes indecifráveis, máquinas, ouvem-se máquinas. dentro de pouco tempo será insuportável viver aqui. a paisagem foi devassada e os barcos serão os nossos fantasmas vagueando sem destino pelas águas do amanhecer envenenado.

em mim nunca mais fará claro, nunca mais amanhecerá, nem será preciso acender qualquer luz de vigia. o lugar está deserto, morto, e eu terei desaparecido com as paisagens» (Al Berto, 2005, p. 362-3).

⁴ Morton, em *Hyperobjects. Philosophy and Ecology after the End of the World*, usa o conceito de "hypeobject" para descrever elementos que possuem temporalidades que vão para além das temporalidades humanas, desafiando a sua compreensão. A degradação de Sines é, nestas passagens de Al Berto, um "hyperobject." As suas consequências ultrapassam em muito a temporalidade humana de Al Berto.

⁵ Rob Nixon, em *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*, define o escritor-activista como aquele que «can help us apprehend threats imaginatively» (Nixon, 2011, p. 15). Como se verá ao longo deste artigo, Al Berto faz precisamente isso, expondo poeticamente as consequências de determinadas formas de transformação e degradação ambiental, ao mesmo tempo que imagina modos de responder a essa violência.

identidade e à expressão do desejo homoerótico, enquadradas no contexto urbano português e europeu das décadas de 70, 80 e 90. Mark Sabine e Mário César Lugarinho, por exemplo, têm mostrado a importância da obra de Al Berto para a emergência de uma consciência e de um olhar queer na literatura portuguesa. Já Rosa Martelo, explorou a velocidade, o lugar da escrita e do universo urbano contemporâneo na poesia de Al Berto, situando-a no contexto alargado da poesia portuguesa da segunda metade do século XX.⁶ Como se verá neste artigo, o processo de transformação da região e a degradação ambiental causada por este processo e pela construção do complexo de Sines contaminaram também a sua poesia, surgindo, por seu turno, muitas vezes ligados à dimensão queer da sua obra e, em certa medida, tornando complexa a dimensão urbana da sua poesia que de facto coexiste com uma forte relação com o território de Sines.⁷

Apesar de terem começado a surgir recentemente trabalhos críticos que abordam a literatura portuguesa de um ponto de vista ecocrítico, há ainda muito por explorar no que diz respeito à representação da experiência da degradação ambiental na literatura nacional e à relação entre literatura e ambientalismo no espaço nacional.⁸ A abordagem literária da violência lenta na obra de Al Berto, como se verá nas páginas que se seguem, é especialmente relevante. Por um lado, a escrita de Al Berto responde aos desafios colocados pela representação desta forma de violência, que, como nota Rob Nixon, pelo seu lento desenrolar «present[s] formidable representational obstacles that can hinder our efforts to mobilize and act decisively,» ao mesmo tempo que fornece um testemunho literário da vivência da degradação ambiental, que está ainda pouco representada na memória humana (Nixon, 2011, p. 2-3), particularmente na

⁶ Como exemplos destas leituras centradas em questões de género e sexualidade, ver: “Al Berto, In Memoriam: The Luso Queer Principle,” de Mário César Lugarinho, e “The Art of Seing Queerly. Al Berto: ‘Truque do pêssego,’” de Mark Sabine. No que diz respeito a abordagens da relação entre velocidade e identidade, ver o artigo de Martelo: “Corpo, Velocidade e dissolução (de Herberto Helder a Al Berto)” Ainda sobre leituras contemporâneas de Al Berto, ver o volume organizado por Golgona Anghel: *Al Berto: ‘O que vejo já não se pode cantar.’*

⁷ A relação entre os discursos ambientalistas e a dissidência sexual na literatura e na cultura tem frequentemente sido ofuscada entre muitas outras coisas pelo facto de a heteronormatividade ter historicamente usado a natureza como um modelo legitimador das suas práticas. Apenas mais ou menos recentemente alguns críticos têm começado a abordar a questão da relação entre ambos, tendo emergido o que ficou conhecido como as ecologias queer. Ver, por exemplo, *Queer Ecologies: Sex, Nature, Politics, Desire*, de Cariona Mortimer-Sandilands e Bruce Erickson, e *Strange Natures: Futurity, Empathy, and the Queer Ecological Imagination*, de Nicole Seymour. Como se verá mais à frente, Al Berto inaugura o que podemos definir como um pensamento ecológico marcado por uma dimensão queer no contexto português.

⁸ No que diz respeito a abordagens ecocríticas, ver, por exemplo: *Portuguese Literature and the Environment*, de Victor K. Mendes e Patrícia Vieira, e *Livros que respiram: Pensamento ecológico e solidariedade nas literaturas em português*, de André Corrêa de Sá. Mais especificamente sobre degradação ambiental e emergência climática na literatura portuguesa, ver respectivamente: “‘Féminisme sauvage’ selvagem: Novas cartas portuguesas’ (1972) e a conceptualização do ecofeminismo (1974),” de Victor K. Mendes, e “Environmental Crisis in José Saramago’s Fiction,” de Maria do Carmo Mendes

literatura. Por outro lado, a sua poesia impõe uma reflexão sobre o lugar e o papel da memória e da melancolia na experiência do processo de transformação e degradação ambiental, bem como das relações entre pensamento ecológico, identidade e a subjectividade. No conjunto da poesia de Al Berto e mesmo no contexto da literatura portuguesa contemporânea, "Mar-de-leva (sete textos dedicados à vila de Sines)" [1976], escrito num momento em que por todo o país se tornavam cada vez mais evidentes as consequências do processo tardio de industrialização, emerge como um dos mais expressivos exemplos do que podemos definir como poesia ambientalista (Fischer-Wirth e Street, 2013, p. xxix).⁹ Será a partir destes sete textos de Al Berto e dos seus diários que proponho neste artigo uma leitura ecocrítica da obra do poeta, revelando uma dimensão desta que tem estado por explorar.

Lembrando a ecologia descrita por Timothy Morton, Al Berto, ao longo dos sete poemas que constituem "Mar-de-leva," situa-se entre a melancolia que emerge da impossibilidade do regresso a um passado anterior à destruição da paisagem de Sines e o luto dessa mesma paisagem (Morton, 2010). Segundo a data atribuída por Al Berto, "Mar-de-leva" foi escrito anos antes da greve verde e das passagens mencionadas, pouco tempo depois do início da construção do complexo petroquímico. Foi publicado pela primeira vez no início da década de 1980, numa edição de autor e foi mais tarde incluído nos *Trabalhos do olhar*, de 1982, publicados no ano dessa greve. Neste conjunto de poemas, Al Berto dialoga com a vila de Sines e a sua paisagem em mudança. Ao longo dos poemas que formam "Mar-de-leva," o poeta evoca memórias e os lugares da sua infância, agora irreconhecíveis devido ao progresso negro que anos mais tarde Al Berto irá referir na nota biográfica publicada na segunda edição de *O medo*. O passado dos «bosques ceifados,» das «tâmaras maduras» e «das flores debruçando-se ao sol» contrasta com o presente em que se levantam «chaminés [e] serpenteiam auto-estradas na paisagem irreconhecível do (...) rosto» de Sines (Al Berto, 2005, p. 155). Enquanto no presente do poema, «o negro outro que atravessa os (...) metálicos intestinos [de Sines] vai refinando a morte das aves e esquecendo a vida dos peixes» (Al Berto, 2005, p. 157), Al Berto, a partir da sua casa na Rua do Forte, articula a sua melancolia ambiental – num ambiente em que o regresso às paisagens da infância é impossível – e define a memória como «uma ferida onde lateja a Pedra do Homem» (Al Berto, 2005, p. 155). Ao mesmo tempo, Al Berto anuncia a vingança dos mares – «das águas enfurecidas irromperá o desastre» (Al Berto, 2005, p. 157) – que sugestivamente lembra a ameaça das alterações climáticas e o que Chakrabarty definiu recentemente como a erupção do planetário no global (Chakrabarty, 2021). Isto é: a disrupção da história do progresso humano pelo planetário.

⁹ A expressão "poesia ambientalista" é usada por Fischer-Wirth e Street para descrever poemas que abordam a destruição ambiental. Esta noção serve assim para distinguir estes poemas do que normalmente se define como eco-poesia – poesia que trata da natureza em geral.

O Antropoceno, a idade geológica em que o humano se tornou numa força geológica e ecológica decisiva para o futuro do planeta, é, segundo Timothy Clark, um conceito liminar (“threshold”) no campo das humanidades, a partir do qual tudo muda (Clark, 2015). Por outras palavras, o Antropoceno coloca grandes desafios à crítica literária e cultural contemporâneas, impondo uma mudança também de como lemos (ou como podemos ler) literatura. Tobias Menely e Jesse Taylor, mais recentemente, na introdução ao volume *Anthropocene Readings: Literary History in Geologic Times*, voltam a reiterar esta dimensão do antropoceno como um «geohistorical event that may unsettle our inherited practice of Reading» (Menely & Taylor, 2017, p. 5). De forma particular, o antropoceno «enacts the demand to think of human life at much broader scales of space and time» (Clark, 2015, p. 13). Quando lido no Antropoceno, o conjunto de poemas “Mar-de-leva” emerge não apenas como uma abordagem literária do processo específico, temporal e geograficamente delimitado, da violência lenta implicada na degradação ambiental da região de Sines, testemunhada por Al Berto, mas também como uma representação exemplar da experiência humana – e não-humana – do Antropoceno, partilhada a uma escala planetária, marcada pela degradação ambiental e pela perda irreversível de paisagens, ecossistemas, espécies e da relativa estabilidade climática do Holoceno. O presente e o futuro de Sines descritos por Al Berto nos seus diários e em “Mar-de-leva” lembram as palavras de Morton, para quem uma das principais questões que se colocam no Antropoceno é como podemos seguir em frente com a melancolia de um planeta envenenado (Morton, 2010, p. 2). Como viver num local envenenado, em que o poeta deixa de encontrar o espaço familiar da sua infância, é precisamente o problema que se coloca a Al Berto a partir da sua janela na Rua do Forte, apesar de neste caso estar circunscrito à região de Sines.

Enquanto as entradas do diário de Al Berto se centram principalmente na denúncia das consequências da violência lenta, é na sua poesia que o poeta esboça um pensamento ecológico. A profunda ligação entre o poeta e o lugar torna inevitável, nas passagens do seu diário, a morte de ambos – tanto o poeta como o lugar são vítimas da mesma violência lenta e as consequências são partilhadas: «eu morro com as paisagens» (Al Berto, 2012, p. 79). Em “Mar-de-leva” a reflexão do poeta sobre as consequências da violência lenta e da degradação ambiental levam à construção textual de um pensamento ecológico, em que a articulação da melancolia ambiental é indissociável do que podemos definir como uma ecologia negra (Morton, 2016) e de uma ética ambiental baseada no reconhecimento da vulnerabilidade partilhada entre o humano e o não-humano, enquanto elemento fundamental para imaginar uma lógica de coexistência do humano e do não-humano, que por sua vez definem o lugar de Al Berto no cânon verde (e negro) português. Por outras palavras, a poesia de Al Berto não é apenas sobre perda e melancolia ambiental, como se verá ao longo deste artigo, embora estas sejam dimensões cruciais da sua resposta à

experiência da violência lenta e do Antropoceno, que a tornam exemplar no contexto da literatura portuguesa. Há nela também uma afirmação da vulnerabilidade e de uma lógica da coexistência com o não-humano, em que se baseia o pensamento ecológico da obra al bertiana, que este artigo procurará mostrar e que emerge ao longo de toda a sua obra poética publicada em *O medo*.

Ficções *petroqueer* e consciência ecológica

Morton, em *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of The World*, escreve que «[i]n some sense, modernity is the story of how oil got into everything» (Morton, 2013, p. 54). A obra de Al Berto é exemplar pelo modo como expõe à superfície, provavelmente mais do que qualquer outra no contexto literário português, o inconsciente energético da segunda metade do século XX. Por outras palavras, mostra a forma como o petróleo, os seus derivados e a petrocultura em geral entraram na poesia contemporânea, penetrando até mesmo o sangue dos poetas portugueses contemporâneos: em "Mar-de-Leva," o poeta tem uma «lata de óleo [que] trabalha o sangue.»¹⁰ Al Berto afirma, assim, a centralidade do petróleo e da petrocultura na experiência do presente dos habitantes de Sines (Al Berto, 2005, p. 157), que, segundo o mesmo poema 1 de "Mar-de-leva," assistem à chegada dos «tubos prateados, onde escorre o negro líquido,» transformando a "paisagem irreconhecível do [...] rosto" de Sines (Al Berto, 2005, p. 155).¹¹ O conjunto de poemas "Mar-de-Leva" não, é contudo, o único exemplo na obra de Al Berto em que a dependência moderna das energias fósseis emerge na superfície do poema e na subjectividade contemporânea, como se um *pipeline* subitamente derramasse crude no texto.

No seu artigo "Corpo, velocidade e dissolução (de Herberto Helder a Al Berto)," Rosa Martelo propõe que a velocidade da vida urbana contemporânea conduz à perda da identidade na poesia de Al Berto (e de Herberto Helder), recuperável apenas através da escrita. Nas palavras de Martelo, a escrita «corresponde (...) a uma desaceleração que tenta responder aos efeitos dissolventes da velocidade» (Martelo, 2001, p. 49). Neste contexto de associação entre velocidade e identidade, acrescenta, «é significativo que Al

¹⁰ A crítica recente tem mostrado que os regimes energéticos moldam não apenas a história e a cultura humanas, mas também as subjectividades, desejo e identidades. O campo das humanidades energéticas tem vindo a oferecer reavaliações importantes no que diz respeito às relações entre cultura, arte e regimes energéticos, desde que os vários autores de "Literature in the Age of Wood, Tallow, Whale Oil, Gasoline, Atomic Power, and Other Energy Sources" sugeriram uma periodização literária radicalmente diferente, baseada nos inconscientes energéticos. A poesia de Al Berto é um caso paradigmático do que podemos definir como uma poesia da idade da gasolina, embora nos seus diários haja também algumas referências à energia nuclear (*Diários* 137; 225).

¹¹ Note-se que "Mar-de-leva" foi escrito pouco depois do início da construção do complexo petroquímico.

Berto use em algumas imagens a gasolina» (Martelo, 2001, p. 47). Martelo refere-se ao texto “Meu fruto de morder, todas as horas” [1978/9], mas podíamos acrescentar aqui outros textos em que há referências à petrocultura, como “O pranto das mulheres sábias” [1974/5] e “Rádio pirata” [1980]. No entanto, mais importante para o meu argumento do que o tamanho da lista é a forma como a gasolina e outros elementos da petrocultura (estetizada através de referências a veículos, gasolina, espaços urbanizados, produção industrial, etc.) surgem não apenas associados à velocidade, mas também à experiência urbana em geral e do desejo homoerótico.¹² Por outras palavras, estes são textos (quase todos da juventude do poeta) que fazem parte do que podemos definir como as ficções *petroqueer* de Al Berto, marcados por uma profunda relação entre a cultura do petróleo em que vivemos, bem como do imaginário social de que dela resulta, e a afirmação do que Mário César Lugarinho descreve como uma consciência queer.¹³

A idade do petróleo enquanto época simultaneamente de exuberância e catástrofe surge nestas ficções *petroqueer* de Al Berto materializada em ambientes urbanos excessivos, distópicos e pós-apocalípticos, em que os sujeitos da poesia al bertiana se deslocam. Como afirma Martelo, ler *O medo* é como “atravessar uma paisagem progressivamente devastada” (Martelo, 2001, p. 44). É neste contexto que em vários momentos a petrocultura, evocada através do movimento, da gasolina, da velocidade, do excesso e da decadência urbana, surge associada à dissidência sexual, por vezes servindo apenas de cenário numa poesia transgressiva (como é o caso em “Rádio pirata” e “O pranto das mulheres sábias”) e outras vezes moldando mesmo o imaginário do desejo, como acontece em “Meu fruto de morder, todas as horas.”¹⁴ Neste último texto, Al Berto escreve: «deslizamos à velocidade do desejo. pó acumulado nos limites da solidão. vagabundeamos num só corpo de gasolina em febre de ternas promessas» (Al Berto, 2001, p. 104). A petrocultura fornece nesta passagem o imaginário em que Al Berto expressa um desejo alimentado a gasolina, com todas as implicações que daí emergem. Trata-se de um desejo excessivo e nomádico (para utilizar uma terminologia deleuziana, facilmente adaptável à concepção al bertiana do desejo), em constante combustão. Os seus limites,

¹² “Meu fruto de morder todas as horas” é um texto datado de 1978/1979, tendo sido publicado pela primeira vez numa edição de autor em 1980 (o mesmo ano da publicação de uma primeira edição de “Mar-de-leva.”

¹³ A expressão ‘ficções *petroqueer*’ é baseada na noção de *petrofictions* e implica a mesma ideia de encontro entre o humano e a cultura do óleo.

¹⁴ Numa passagem de “Rádio pirata,” Al Berto escreve: “há uma cidade crescendo no grito e na gasolina no fogo nocturno da minha vertigem presa nas alturas de cimento armado onde coabitam sexos mergulhados em naftalina» (Al Berto, 2005, p. 147). Já em «O pranto das mulheres sábias,” encontramos passagens como esta: «silvercar desenhando-se nos contornos sonolentos da cidade / ensanguentada estrela de gasolina / oleosa e dilacerada luta de facas e sexos adolescentes / dissonância do corpo / subúrbio do rosto à deriva no fundo do espelho / ferida que escapa ao controle da dor / velocidade laminar das máscaras» (Al Berto, 2005, p. 65).

podemos nós acrescentar, são apenas aqueles impostos pelas reservas fósseis do planeta. A petrocultura enquanto cenário e a gasolina enquanto metáfora do desejo permite assim representar nestas ficções *petroqueer* um imaginário moldado pelo contexto moderno e urbano da petrocultura, no qual Al Berto insere a sua identidade nómada e excessiva, tanto em termos sexuais como de viajante.

Estas ficções *petroqueer*, dependentes do imaginário das energias fósseis, poderiam logo à partida levar a uma resposta negativa à pergunta: é Al Berto um poeta ecológico? Quando lidas no contexto alargado do antropoceno enquanto conceito liminar (Clark, 2016), as ficções *petroqueer* de Al Berto mostram a profunda ligação entre a petrocultura e a construção textual de uma subjectividade e de uma consciência queer, tornando o processo emancipatório descrito por Lugarinho e Sabine num percurso de afirmação identitária ostensivamente cúmplice da petrocultura moderna. A consciência queer afirmada por Al Berto é de certa forma não sustentável, enquanto consciência implicada no processo de degradação ambiental da segunda metade do século XX. No entanto, quando colocadas no contexto alargado da sua obra, as ficções *petroqueer*, ao mesmo tempo que expõem o carácter dominante da petrocultura (de alguma maneira trazendo à superfície o inconsciente energético contemporâneo), emergem também como centrais na afirmação do que podemos definir como a "ecologia negra" ["dark ecology"] de Al Berto e o pensamento ecológico materializado na sua escrita. A ênfase de Al Berto no imaginário do óleo nos poemas de "Mar-de-leva" acabam por sublinhar isto ainda mais.

Rejeitando modelos de pensamento ecológico que advoguem um suposto regresso a uma natureza pura, intocada por humanos, defendidas pela chamada 'ecologia profunda,' Morton propõe, em *Dark Ecology: For a Logic of Future Coexistence*, uma "ecologia negra". A ecologia negra de Morton é baseada numa "ecological awareness" e é negra porque, nas suas palavras: «[t]he darkness of ecological awareness is the darkness of noir (...): the detective is a criminal.» (Morton, 2016, p. 9). Isto é, é uma ecologia negra porque, por um lado, depende do reconhecimento da absoluta interdependência do humano e do não-humano e do sentimento do abjecto que emerge do reconhecimento da mútua interpenetração: «the abject feeling that I'm surrounded and penetrated by other entities such as stomach bacteria, parasites, mitochondria – not to mention other humans, lemurs and sea foam» (Morton, 2016, p. 125). E é negra também porque, por outro lado, depende do reconhecimento da contribuição de todos os nossos actos: tal como no género noir, nós, narradores dos nossos destinos, «find out that [we] are the tragic criminal» (Morton, 2016, p. 9). Por isso o momento em que reconhecemos o nosso envolvimento no desastre e na devastação ecológica é também parte do reconhecimento da dimensão negra da ecologia.

Embora Al Berto afirme procurar em Sines as «referências físicas da sua infância,» o poeta sabe que será sempre em «vão» (Al Berto, 2005, p. 673) e que uma ecologia para o presente deve abraçar a negatividade. No presente de Al Berto e de Sines, tal como no antropoceno, não há retorno. Em passagens de “Mar-de-leva,” a resistência possível à violência lenta sentida pelo humano e o não-humano parece ser apenas a sobrevivência através da melancolia, do luto do que foi perdido e da memória: «da terra sobe um murmúrio de húmido coração / os vermes vão tecendo a recordação dos mortos para que possamos sobreviver ao estrondo da pólvora e da dinamite» (Al Berto, 2005, p. 157). O pensamento ecológico de Al Berto rejeita assim uma resposta ambientalista que recuse a profunda negatividade das experiências humana e não humana no Antropoceno, propondo em troca que comecemos por assumir a perda – «[w]e should think like losers, not winners» (Morton, 2010, p. 73) – e a negatividade que caracteriza a vivência da devastação ecológica.¹⁵

Na escrita de Al Berto manifesta-se o reconhecimento da dimensão trágica da consciência ecológica pelo modo como o poeta das ficções *petroqueer* é também o poeta que assiste à devastação ecológica de Sines, provocada em larga medida pela mesma dependência energética que alimenta, pelo menos em parte, o universo em que é articulada a sua consciência queer e a sua poesia urbana.¹⁶ Para usar a expressão de Morton, o poeta-narrador de “Mar-de-leva,” quando considerado no contexto mais alargado da poesia de *O medo*, é também o “criminoso”. Mais, o “narrador” não é apenas o criminoso, mas as consequências do crime penetram-no agora: «águas, águas inquinadas pulsando dentro de meu corpo, como um peixe ferido, louco (...) aceito o desafio do teu desdém / na boca ficou-me um gosto a salmoura e destruição» (Al Berto, 2005, p. 160). Porém, trata-se de um criminoso que ao longo do poema, bem como da sua poesia reunida em *O medo*, oferece também modos de pensar possibilidades para uma lógica de coexistência do humano e não-humano no presente e no futuro. Importante para essas possibilidades, como procurarei mostrar nas páginas seguintes, a partir de uma leitura mais detalhada de “Mar-de-leva,” é a necessidade de assumir as implicações da partilha da vulnerabilidade entre o humano e o não-humano, que está já sugerida nesta passagem que acabo de citar, bem como em vários outros momentos deste conjunto de poemas.

¹⁵ Nas suas palavras: «Environmental rhetoric is too often strongly affirmative (...); it privileges speech over writing (...). It's sunny, straightforward (...) and “healthy.” Where does this leave negativity, introversion, femininity, writing, mediation, ambiguity, darkness, irony, fragmentation, and sickness? Are these simply nonecological categories? (...) If the ecological thought is as big as I think it is, it must include darkness as well as light, negativity as well as positivity». (Morton, 2010, p. 16)

¹⁶ A relação entre a Grande Aceleração—o aumento dramático das emissões de CO₂ no pós-guerra – e as transformações nos campos do género e da sexualidade que se seguiram está ainda muito mal compreendida em termos gerais.

Melancolia, vulnerabilidade e pensamento ecológico em "mar-de-leva"

No ambiente de desolação representado em "Mar-de-leva," humanos e não-humanos partilham as consequências da violência lenta e a estranheza em relação a um espaço radicalmente transformado pela construção do complexo de Sines. Esta partilha leva a uma partilha de um destino de exílio por parte de ambos: «e as aves? frágeis quando aperta a tempestade... migraram como eu?» (Al Berto, p. 155). Por um lado, podemos considerar que esta pergunta, "migraram como eu?," liga a experiência de desterritorialização forçada das aves à própria biografia de Alberto Pidwell Tavares, que apenas há pouco tinha regressado a Portugal, depois de deixar o país durante o Estado Novo para fugir à violência da ditadura. O poema propõe assim uma comparação entre a violência ambiental sofrida pelo não-humano no presente democrático e a violência política da ditadura, vivida pelo humano. Por outro lado, esta passagem pode também ser lida como sublinhando o estranhamento que o poeta partilha com o não-humano em relação ao presente do lugar habitado (algo já aqui referido), que, no caso de Al Berto, impede um verdadeiro regresso a Sines—pelo menos a Sines da sua infância. Nixon recorre à expressão "displacement without moving" para descrever esta ideia de exílio num local estranho, de onde de facto nunca se saiu (Nixon, 2011, p. 19).¹⁷ Em "Mar-de-leva," as consequências deste deslocamento sem movimento é uma presença apenas parcial, quer do humano, quer do não-humano. No poema 6 de "Mar-de-leva," Al Berto escreve para Sines: «estou longe de ti com o tempo [...] / habito longe, no coração vivo das areias, no cuspo límpido dos corais... e no ventre impossível das cidades nocturnas» (Al Berto, 2005, p. 160). Tal como as aves que partiram, a presença de Al Berto em Sines é também apenas parcial, uma vez que agora o regresso é impossível.¹⁸

Na produção de Al Berto, desejo, melancolia ambiental e o luto pelas paisagens perdidas da infância estão interligados. Tanto na poesia como nos seus diários, a procura das "referências físicas da sua infância" implica, por um lado, um processo de sexualização da sua relação com o território e, por outro, a articulação de uma melancolia ambiental que resulta da impossibilidade do regresso ao espaço original. Ambas dimensões surgem exemplarmente em

¹⁷ Nixon usa a expressão "displacement without moving" para descrever uma forma de deslocamento que não inclui movimento mas uma perda do lugar, que deixa as «communities stranded in a place stripped of the very characteristics» que tornaram esse lugar habitável (Nixon, 2011, p. 19).

¹⁸ Também na revolta a partilha entre o humano e o não-humano é absoluta. Em "Mar-de-leva," a resposta à chegada das «máquinas para talhar a cidade que vem» é simultaneamente humana e não humana: «ouve-se um lento grito de espuma e suor," enquanto se estendem "tubos prateados, onde escorre o negro líquido / levantam-se imensas chaminés, serpenteiam auto-estradas» (Al Berto, 2005, p. 155).

“Mar-de-leva.” Como o próprio Al Berto afirmou numa entrevista, pertence a uma linhagem de poetas do corpo.¹⁹ A utilização do imaginário do desejo e do corpo nestes poemas sobre Sines emerge assim em clara continuidade em relação a esta dimensão da sua obra e a outras articulações do desejo na sua poesia. Porém, ao contrário do desejo alimentado pela petrocultura nas suas ficções *petroqueer*, em “Mar-de-leva,” Sines surge logo à partida como um objecto de desejo perdido. Trata-se de um objecto agora incorporado pelo poeta: «é tarde meu amor / estou longe de ti com o tempo, diluíste-te nas veias das marés, na saliva do meu corpo sofrido [...] tentei ser teu, amar-te [...] / águas, águas inquinadas pulsando dentro do meu corpo, como um peixe ferido, louco» (Al Berto, 2005, p. 160). Al Berto segue assim uma perspectiva psicanalítica da melancolia e do luto, tal como ambos são discutidos por Freud: «set[ting] up [the object] inside the ego» (Freud, 1989, p. 638). Mais precisamente, segundo Freud, em “The Ego and the Id”: «When it happens that a person has to give up a sexual object, there quite often ensues an alteration of his ego which can only be described as a setting up of the object inside the ego, as it occurs in melancholia» (Freud, 1989, p. 638).

Em “Mar-de-leva,” Al Berto mostra como a melancolia ambiental e o luto das paisagens perdidas levam a um questionamento da identidade do sujeito humano. Judith Butler, na sua discussão sobre a relação entre o luto e a violência entre humanos, argumenta que no processo de luto «something about who we are is revealed, something that delineates the ties we have to others, that shows us that these ties constitute what we are, ties or bonds that composes us» (Butler, 2006, p. 22). Este conjunto de poemas de Al Berto traz esta discussão para o contexto da violência lenta, da degradação ambiental e da perda das paisagens, convidando-nos a pensar não apenas nos laços que nos unem ao não-humano como também na maneira como esses laços constituem quem somos. A paisagem de Sines é parte de Al Berto e por isso a violência lenta a que é sujeita e a sua transformação radical levam a um processo que torna o poeta irreconhecível para si mesmo. «Eu morro com as paisagens,» escreve Al Berto no seu diário, antecipando as palavras de Butler sobre as consequências do processo de luto: «I not only mourn the loss, but I become inscrutable to myself» (Butler, 2006, p. 22). Perder Sines significa, para Al Berto, perder-se a si próprio: de certo modo, morrer. Porém, deste processo emergem também novas formas de relacionamento entre o humano e o não-humano.

A interiorização do objecto de desejo perdido por parte do poeta impõe um questionamento de várias fronteiras, em “Mar-de-leva”: interior/exterior; humano/não-humano. Numa entrada do diário do poeta já aqui citada, o poeta escreve: «Os barcos serão os nossos fantasmas vagueando sobre as águas

¹⁹ A afirmação foi feita no programa *Falatório*, da RTP, dirigido por Clara Ferreira Alves, no episódio “Maldições.”

suja de óleo, e uma gaivota perder-se-á no veneno da alba. Em mim nunca mais fará claro, nunca mais amanhecerá. Nem será preciso acender qualquer luz de vigia... eu morro com as paisagens» (Al Berto, 2012, p. 79). A tragédia ecológica descrita pelo poeta nesta passagem deixa de se desenrolar apenas fora do sujeito, na paisagem material de Sines, e passa a acontecer no interior de si próprio ("[e]m mim nunca mais fará claro"), chegando mesmo a haver uma identificação total do poeta com a paisagem devastada que leva à morte partilhada entre o sujeito e as paisagens perdidas ("eu morro com as paisagens). Enquanto a abordagem freudiana da melancolia permite iluminar este processo na sua dimensão psíquica, o conceito de transcorporeidade de Stacy Alaimo, desenvolvido a partir de um episódio de degradação ambiental, fornece um modelo para a leitura dos contornos da experiência física do poeta, mais exactamente o questionamento das fronteiras do humano e do não-humano elaborado ao longo dos poemas.

Em "Mar-de-leva," o não-humano partilha com o poeta a vulnerabilidade face à violência lenta do que Al Berto caracteriza como o "progresso negro" (Al Berto, 2005, p. 673). Por um lado, a melancolia ambiental de Al Berto e o luto do território da sua infância conduzem à incorporação do objecto perdido. Por outro lado, os poemas de "Mar-de-leva" afirmam o que podemos definir usando o conceito de transcorporeidade (Alaimo, 2010), quer metafórica, quer mais literal, que apaga no poema a separação entre o humano e a paisagem. Segundo Alaimo, «the human is always intermeshed with the more-than-human world.» Nesta perspectiva «the substance of the human is ultimately inseparable from the "environment"» (Alaimo, 2010, p. 2). Esta é uma visão pós-humanista que «refuses to see the delineated shape of the human as distinct from the background of nature, and instead focuses on interfaces, interchanges, and transformative material/discursive practices» (Alaimo, 2010, p. 142). É neste contexto de ausência de fronteiras entre o humano e o não-humano, em que as paisagens vivem na memória e as «águas inquinadas» dos efluentes da refinaria do complexo «pulsa[m] dentro» do corpo do poeta, que "Mar-de-leva" impõe mais exemplarmente o reconhecimento da vulnerabilidade partilhada entre ambos (Al Berto, 2005, p. 160). Esta vulnerabilidade, por sua vez, implica a necessidade do que denominarei como uma lógica da coexistência, definida por Al Berto neste conjunto de poemas, bem como em vários outros momentos da sua poesia.

Al Berto rejeita, em "Mar-de-leva," o que Butler descreve como «the narcissistic preoccupation of melancholia," orientando essa mesma melancolia "into a consideration of the vulnerability of others," em particular do não humano (Butler, 2006, p. 30). A poesia de Al Berto e o poema "Mar-de-leva" sugerem que pensemos na nossa relação com o outro não-humano de uma forma não baseada na exploração de recursos, nem centrada apenas nas preocupações humanas. O poeta propõe, em seu lugar, um pensamento ecológico que parte sempre do reconhecimento da nossa interdependência, da partilha dos nossos

destinos e da vulnerabilidade que partilhamos com o não-humano. O que os poemas de Al Berto mostram é que a vulnerabilidade pode ser articulada como uma base para um ambientalismo diferente, por exemplo, daquele de raiz romântica, informado pela separação do humano e do não-humano, para o qual a natureza é sempre capaz de se refazer. Segundo Butler, «vulnerability must be perceived and recognized in order to come into play in an ethical encounter» (Butler, 2006, p. 43). Na obra de Al Berto este reconhecimento da vulnerabilidade do outro pode ser estendido ao não-humano, criando modelos de encontros éticos entre o humano e o não-humano mais positivos para o futuro e com eles as bases necessárias para uma lógica de coexistência.

Sensibilidade queer e pensamento ecológico

Enquanto nas ficções *petroqueer* de Al Berto, o imaginário da petrocultura molda a expressão do desejo e é indissociável da articulação de uma identidade sexualmente dissidente, em “Mar-de-leva,” por seu lado, a sensibilidade queer do poeta informa o seu pensamento ecológico. Ao sexualizar a sua relação com o território, Al Berto coloca nos campos do género e da sexualidade a possibilidade de reinventar a relação entre o humano e o não-humano, rejeitando dualismos (sujeito/objecto; masculino/feminino) e propondo uma lógica de coexistência. Em “Mar-de-leva,” a violência ambiental e a transformação de Sines são materializadas na «Pedra do Homem, hirta como uma sombra num sonho» (Al Berto, 2005, p. 155). Esta representação fálica do acto de modificação humana da paisagem, que sublinha a própria dimensão fantasmática do falo (“hirta como uma sombra num sonho”), contrasta com os imaginários de género e sexualidade em que é articulada a relação entre o poeta e o não-humano ao longo dos sete poemas. No poema 6, a identificação do poeta com o espaço ambiental destruído possibilita o que podemos definir como uma queerização da relação humano/não humano, em que o poeta (e o humano que ele representa em última instância) assume a passividade do feminino face à violência (masculina) da alteração radical da paisagem: «agora, tuas máquinas trituram-me, cospem-me, interrompem o sono / habito longe, no coração vivo das areias, no cuspo límpido dos corais...» (Al Berto, 2005, p. 160).

A fluidez de posições de género, em “Mar-de-leva,” permite a Al Berto problematizar a relação entre o humano e o outro não-humano, rejeitando o dualismo que identifica a natureza e o não-humano em geral com o feminino e o humano (e o progresso) com o masculino. Esta identificação binária está subjacente a uma visão da natureza como entidade explorável e sempre disponível para ser transformada pelo humano, como acontece na paisagem de Sines. Como argumenta Morton, as raízes desta perspectiva podem ser traçadas até às origens da sociedade agrícola humana. Subverter as posições de género

(entre o poeta-humano e o não-humano) abre as portas a uma relação com a natureza não dependente de uma ideia de posse, moldada pelo dualismo sujeito-objecto e pela lógica binária masculino-feminino que está subjacente à nossa cultura agrícola (Morton, 2010, p. 95). Al Berto opõe a este modelo de pensamento a afirmação da passividade e a necessidade da coexistência. Isto é, o poeta apresenta uma possibilidade de coexistência fora do paradigma binário, em que ambos, o humano e o não-humano, partilham a vulnerabilidade, a passividade e as consequências de qualquer violência ambiental.

Segundo Morton: «[t]he ecological thought is intimacy with the strangeness of the stranger. The ultimate strangeness, the strangeness of pure semblance, is (feminine) subjectivity, whose essence is radical passivity. Interdependence is the coexistence between passivity and passivity. The zero social level is this sheer coexistence» (Morton, 2010, p. 94). Quer a intimidade absoluta com o a estranheza do não-humano (que vive agora no seu próprio corpo), quer a coexistência da passividade com a passividade na relação entre o humano e o não-humano são precisamente o que a ecologia dos poemas de Al Berto sugerem como resposta à destruição da paisagem e do não-humano à sua volta. O pensamento ecológico de Al Berto possui assim uma dimensão queer. O poeta não apenas quebra as barreiras entre o humano e o cenário natural mas também estende a contestação a perspectivas binárias à relação entre o humano e o não-humano, fazendo-o de um modo que não pode deixar de ser considerado como pioneiro no contexto da literatura portuguesa.

A aceitação de um papel passivo, feminino – no contexto da fluidez de género que o poema articula – não significa neste conjunto de poemas o fim da revolta e a aceitação de toda a destruição e degradação ambiental causada pela masculinidade fálica do progresso – «a Pedra do Homem, hirta como uma sombra num sonho» (Al Berto, 2005, p. 155). Pelo contrário, a fluidez de género surge como análoga a uma outra fluidez tornada possível pela incorporação do espaço de Sines por parte do poeta, no seu processo de luto, que permite ao poeta falar tanto por si como pelo não-humano: «em meu peito doído ergue-se esta raiva dos mares-de-leva,» afirma no poema 1 (Al Berto, 2005, p. 155). Por outras palavras, em "Mar-de-leva," a voz do poeta é também a voz do não-humano e ambas as vozes partilham uma posição em que vulnerabilidade e revolta ambiental se unem: «digo, das águas enfurecidas irromperá o desastre» (Al Berto, 2005, p. 157). A sustentar esta revolta encontramos o que podemos definir como uma ética da vulnerabilidade, que emerge como uma ponte entre o humano e o não-humano, que por sua vez molda a lógica ambiental de uma coexistência futura que a poesia de Al Berto propõe. É assumindo a vulnerabilidade partilhada que é possível imaginar uma coexistência futura – muito diferente do presente de devastação representado nos poemas.

Lugar, tempo e as ecologias d'o medo

O pensamento ecológico de Al Berto em “Mar-de-leva” inclui uma lógica de proximidade e coexistência com o não-humano que emerge em várias outras passagens da sua obra, ao longo de *O medo*. O estranho estrangeiro de que fala Morton para descrever o não-humano está por todo o lado na poesia de Al Berto e mesmo nos seus diários. Ao longo da poesia de Al Berto, a evocação do não-humano implica simultaneamente um certo eco-cosmopolitismo – «sou um corpo sem nacionalidade, pertenço às profundidades dos oceanos, ao voo da ave migrante» (Al Berto, 2005, p. 457) – e uma territorialização do poeta e da sua poesia na região de Sines. Mais exactamente, em vários outros poemas de *O medo*, encontramos frequentes referências aos imaginários geológico, mineral, marinho, vegetal e animal não-humano, muitas vezes claramente associáveis ao espaço de Sines e da sua região. Estas evocações permitem não apenas territorializar a subjectividade do poeta e da sua poesia—mesmo em alguns poemas urbanos que à partida não pertencem ao espaço de Sines – mas também emergem como forma de trazer para os poemas temporalidades outras, muito diferentes das temporalidades urbanas de outros espaços.

Ao longo de *O medo*, uma certa ideia de exílio do poeta próximo ou envolvido pela estranheza do estranho não-humano está muitas vezes associada a uma temporalidade outra, longe da velocidade do espaço urbano. Se, como observou Martelo, a escrita representa uma tentativa de abrandamento e de recuperação da identidade, a relação com o estranho estrangeiro, por sua vez, implica uma radical crítica do tempo humano, do tempo da modernidade. É o que acontece, paradigmaticamente, em “À procura do vento num jardim d'Agosto” [1974/75], em que o poeta escreve: «para sobreviver à noite decidimos perder a memória. cobríamo-nos com musgo seco e amanhecíamos num casulo de frio. perdidos no tempo» (Al Berto, 2005, p. 11). Nesta passagem, o musgo seco parece fornecer ao poeta um modo de sobreviver ao tempo rápido da modernidade – especialmente da noite urbana. É coberto de musgo seco que ele é capaz de encontrar um outro tempo – o tempo profundo do não-humano, com uma escala radicalmente diferente. Ao longo da sua poesia, a evocação do não-humano continuará a trazer para o poema quer estas temporalidades do tempo profundo quer uma ideia de vulnerabilidade. Em ambos os casos, o poeta quebra as barreiras que separam o sujeito moderno do não-humano, trazendo para a sua poesia uma outra temporalidade e a estranheza do estranho estrangeiro.

A produção poética de Al Berto situa-se num momento de transição económica e industrial de Portugal e também num momento inaugural da ética ambientalista na literatura portuguesa contemporânea, posterior à década de 70, que, por seu turno, nas últimas décadas tem vindo a tornar-se uma dimensão importante. Nos últimos anos do seu funcionamento, a central termoeléctrica de Sines manteve-se no topo da lista das mais poluidoras de Portugal e era a

décima oitava no contexto europeu. O vento e as águas "contaminados" referidos por Al Berto continuaram a chegar nas décadas que se seguiram. O último derrame no porto de dimensões consideráveis ocorreu no dia 2 de Outubro de 2016.²⁰ Actualmente o encerramento do complexo tal como existe faz parte do processo de transição energética do país. O testemunho de Al Berto, embora obviamente datado, continua relevante, como pretendi mostrar neste artigo, não apenas por lembrar o passado mas principalmente por delinear formas de usar a melancolia ambiental ligada à degradação e perda de paisagens para a experiência humana no contexto do Antropoceno. Ao mesmo tempo, "Mar-de-leva" emerge como uma das primeiras manifestações do activismo ambiental e do pensamento ecológico contemporâneos na literatura portuguesa. Mais ainda, se estivermos de acordo com a afirmação de Morton, em *The Ecological Thought*, segundo o qual «[p]erhaps the ecological art of the future will deal with passivity and weakness; with lowliness, not loftiness» (Morton, 2010, p. 109), facilmente imaginamos a importância da poesia de Al Berto não apenas para a memória e o presente, mas principalmente para a arte/poesia ecológica do futuro.

Referências

- Alaimo, S. (2010). *Bodily Natures: Science, Environment, and the Material Self*. Indiana UP.
- Al Berto. (2012). *Diários*. Ed. Golgona Anghel. Assírio & Alvim.
- Al Berto. (2005). *O medo*. Assírio & Alvim.
- Anghel, G. (Org.) (2019). *Al Berto: "O que vejo já não se pode cantar"*. Não (Edições).
- Butler, J. (2006). *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. Verso.
- Chakrabarty, D. (2021). *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago UP.
- Clark, T. (2016). *Ecocriticism on the Edge: The Anthropocene as a Threshold Concept*. London: Bloomsbury.

²⁰ Enquanto este artigo é escrito, o processo continua a decorrer em tribunal.

- Fischer-Wirth, A. & Street, L. (2013). Editor's Preface. In A. Fischer-Wirth & L. Street (Eds.), *The Ecopoetry Anthology* (pp. xxvii-xxxi). Trinity University Press.
- Freud, S. (1989). The Ego and the Id. *The Freud Reader* (pp. 628-658). Peter Gay ed. W. W. Norton & Company.
- Lugarinho, M. C. (2002). Al Berto, In Memoriam: The Luso Queer Principle. In: Susan Canty Quinlan & Fernando Arenas (Eds.), *Lusosex: Gender and Sexuality in the Portuguese-Speaking World* (pp. 276-299). Minnesota University Press.
- Alves, C. F. (1996, dezembro 14). Maldições. *Falatório*. RTP.
- Martelo, R. (2001). Corpo, velocidade e dissolução (de Herberto Helder a Al Berto). *Cadernos de literatura comparada* 3/4, pp. 43-58.
- Mendes, M. do C. (2021). Environmental Crisis in José Saramago's Fiction. *Anthropocenica* 2: pp. 135-141.
- Mendes, V. (2016). "Féminisme sauvage" selvagem: Novas cartas portuguesas (1972) e a conceptualização do ecofeminismo (1974). *Cadernos de literatura comparada* 35, pp. 247-277.
- Mendes, V. & Vieira, P. (Eds.). (2019). *Portuguese Literature and the Environment*. Lexington Books.
- Menely, T. & Taylor, J. (Eds.). (2017). *Anthropocene Readings: Literary History in Geologic Times*. Pennsylvania University Press.
- Morton, T. (2016). *Dark Ecology: For a Logic of Future Coexistence*. Columbia University Press.
- Morton, T. (2013). *Hyperobjects. Philosophy and Ecology after the End of the World*. Minnesota University Press.
- Morton, T. (2010). *The Ecological Thought*. Harvard University Press.
- Nixon, R. (2011). *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Harvard University Press.
- Pacheco, F. (1999). *Crónica da primeira greve ecológica em Portugal*. Edição de Autor.

Sá, A. (2021). *Livros que respiram: Pensamento ecológico e solidariedade nas literaturas em português*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sabine, M. (2013). The Art of Seeing Queerly. Al Berto: "Truque do pêsego". In: Cláudia Pazos Alonso & Stephen Parkinson (Eds.), *Reading Literature in Portuguese. Commentaries in Honour of Tom Earle* (pp. 221-230). Routledge.

Sandilands, C. & Erickson, B. (Eds.). (2010). *Queer Ecologies: Sex, Nature, Politics, Desire*. Indiana University Press.

Seymour, N. (2013). *Strange Natures: Futurity, Empathy, and the Queer Ecological Imagination*. Illinois University Press.

Shannon, L., Nardizzi, V. Hiltner, K. Makdisi, S., Ziser, M. & Szeman, I. (2011). Editor's Column. Literature in the Age of Wood, Tallow, Whale Oil, Gasoline, Atomic Power, and Other Energy Sources. *PMLA* 126(2), pp. 305-326.